

C M - 14. 12. 50

A VIÚVA DE GIRAUDOUX

Rubem Braga

A viúva de Jean Giraudoux fala sobre o finado. «João nunca me poupou suas críticas. Ele me censurava por rir muito alto — e é verdade que, antes de conhecê-lo, eu era muito alegre — e por não ir à missa aos domingos. Aliás, ele também não ia, embora, como eu, tivesse o maior respeito pela religião... Não, nunca ousei pensar em ajudá-lo em seu trabalho... Ele escrevia com velocidade; um romance como «Siegfried et le Limousin» foi feito em três semanas... Nossa maior surpresa foi seu êxito no teatro: estávamos certos de que não faria o menor sucesso...

De suas peças prefiro «Anphytryon 38» por ser a imagem do casal feliz que éramos naquele tempo... Sempre fui sua primeira leitora e ele discutia comigo o que escrevia... Apenas, sobre «Sodome et Gomorrhe» ele quase não me disse nada, talvez porque essa peça esteja tão cheia de nossas coisas: é o eterno problema de dois seres que se amam e se fazem sofrer... Sim, João gostava de me inquietar, às vezes.

É verdade que isso não durava; ele voltava depois para o meu lado, ainda mais afetuoso. Mas às vezes me deixava durante semanas, sem aparecer nem dar notícias... É verdade, me reconheço em todas as suas heroínas, menos a de «Combat avec l'ange». Sou eu a moça de «Suzanne et le Pacifique», eu sou Electra, Ondina... Encontro-me com frequência em seus diálogos. Mesmo o grito terrível de Ondina: «Se me enganares eu te mato», não me é estranho... Conservo dele a lembrança de um homem de surpreendente alegria. E como gostava de jogar! Adorava o bridge, o ping-pong... Sim, talvez um dia eu escreva minhas memórias».

DN - 16. 12. 65